

30º aniversário da academia de medicina de Brasília

11/10/2019

Acad. Emérito Francisco Floripe Ginani

Confrades e confradeiras

Senhoras e senhores

Este é um momento de grande encantamento e emoção, podermos celebrar junto aos confrades, confradeiras, familiares e amigos o 30º aniversário da Fundação da Academia de Medicina de Brasília. É uma oportunidade de voltarmos à consciência, recorrendo à memória na busca de acontecimentos, datas, eventos, pensamentos e significados. Trilhando um caminho que nos leva ao encontro dos fatos que se passaram nesses 30 anos, vemos que, ao contextualizá-los na História, é possível ir além. Devemos, no entanto, ser cautelosos ao fazermos esse exercício. O passado jamais deve ser percebido como a simples transitoriedade do tempo, servindo apenas para guardar recordações. O passado deve servir também para nos permitir enxergar na distância viajada os frutos que trouxemos. O passado, pois, é sempre um estratagema para que possamos falar do presente. Guardemos então as lealdades que o exercício da memória suscita, fortalecendo as nossas convicções e os nossos melhores sentimentos.

Começarei a narrar a história da nossa Academia, especulando sobre as iniciativas e as motivações que nortearam os nossos fundadores. Registro que eles foram felizes, porque vivenciaram uma época em que o país experimentava grandes transformações, recém-saído do período de restrições democráticas. No plano internacional, vivíamos um novo “novo estado do mundo”, com o fim da Guerra Fria, com a queda do muro de Berlim e os albores da Globalização, com a instalação do sistema de economia de mercado, enfrentando-se a revolução tecnológica nas relações produtivas. Na saúde, o brasileiro conseguia a inimaginável ventura de ter o acesso universal à saúde garantido, direito expressamente previsto na Constituição Democrática de 1988. As transformações na cultura, nos usos e costumes da sociedade demarcaram a chegada das novas gerações, com práticas, conceitos e ideias que desafiaram tudo o que até então parecia certo, seguro e perene.

O acesso à informação possibilitava o acompanhamento dos desdobramentos do progresso da ciência, da tecnologia, e da evolução no ensino da Medicina, com o surgimento de novos paradigmas. Foi um momento auspicioso para reunir médicos de expressão, cultura e experiência, destinados a fazer história. Estavam conscientes de que era preciso agir, achar uma forma de contribuir com a sociedade, ter o comprometimento de cidadão engajado, com a responsabilidade de prestar contas à sociedade. Percebiam o poder de homens e mulheres politicamente reunidos na busca de um objetivo, com os mesmos ideais e disposição de luta, discurso e ação. Inspiravam-se em Heráclito, sentindo que somente os homens são possuidores de propósitos e perseguem fins.

A sua decisão definia com clareza os contornos daqueles que queriam consagrar parte de suas vidas à militância, preparando-se para os tempos que viriam, pressentindo alguma coisa que neles havia de grandioso. Não queriam deixar passar aquele momento de inspiração, preparando-se para fazer confluír no devir, os tempos que alcançariam. Eles eram destacados médicos a serviço de Brasília, dotados de sólida formação científica e cultural, enriquecidos pelos fortes laços de amizade e companheirismo.

É fato que os homens escrevem a sua própria história, ainda que não o façam sob as circunstâncias de sua própria escolha, mas sim sob aquelas com que se deparam diretamente. No entanto, o que importa é a firme decisão de transformar a realidade e enfrentar o mundo. Viram-se na contingência de não retroagirem e procuraram apoiar-se no espírito de convívio cordial, estreitar os laços de conhecimento pessoal, identificar em cada um a disponibilidade de doação. Tomaram em consideração os feitos e contribuições individuais à implantação e ao desenvolvimento da Medicina de Brasília.

Percorreram preliminarmente as etapas burocráticas indispensáveis e, com certo voluntarismo, traçaram as atividades científicas, culturais e sociais a serem realizadas, mesmo que em caráter itinerante. Compenetraram-se em desenvolver gradativamente o espírito acadêmico espelhando-se no modelo tradicional das Academias. Eram sabedores de que desde a era platônica a função educativa das academias não devia se restringir apenas aos profissionais de saúde, mas abrangia todo o seu entorno. Era, portanto, claro, que competia à Academia exercer o verdadeiro objetivo acadêmico que consistia secularmente em treinar a mente dos homens a pensarem por si, à luz da razão.

Procuraram fincar raízes (a exemplo de Sêneca), sabedores de que elas alimentam nossas tradições, e que são elas que nos levam a ganhar conexão com o nosso tempo. Lembravam-se da mensagem do poeta italiano Giacomo Leopardi que considerava tradição tudo que é antigo, mas que não ficou velho, pois a história deve ser respeitada, reverenciada e rememorada. A tradição científica sempre foi a grande promotora do pensamento independente. Abraçaram uma instituição, cuja existência é inspirada no passado, conseguindo transformá-la, alimentando-a numa conexão com o nosso tempo. Como homens pensantes e atuantes, devotavam as suas energias invariável e inevitavelmente aos seus atos, na esperança de contribuir com a melhoria de pessoas e instituições. Pensavam como Platão, que, agindo como acadêmicos, exerceriam influência e poder no seu meio, afastando-se das influências deletérias. Era preciso trilhar a história das academias procurando estabelecer uma conexão com a trajetória que almejavam seguir. Eram contemporâneos de uma sociedade que, a cada momento, demandava uma busca de novos significados, em decorrência das mudanças vertiginosas do conhecimento, no bojo de um crescimento cheio de desigualdades e contradições. Atuavam dispostos a trazer esperanças, mas constataram que somente com o conhecimento que possuíam não seriam capazes de dominar as múltiplas facetas da realidade. Buscaram na multidisciplinaridade a melhor compreensão sobre como

enfrentar as situações, convictos de que achariam o meio facilitador de captar o princípio subjacente das coisas. É o aprendizado dos muitos saberes que revela a fórmula da harmonia dos contrários manifestada em tudo.

Perceberam que aí estavam os fundamentos constituintes da dialética que procuravam, condicionantes ao exame crítico na consideração do saber, conteúdo de todas as matérias, consolidador de hábitos mentais independentes, dotado do espírito investigativo e livre das tendências e dos preconceitos momentâneos. Fixaram-se na observância do diálogo entre pessoas, no debate daquilo que emerge do convívio social, buscando a compreensão da realidade tal como se revela, nas suas mais diferentes e inusitadas formas. Associaram-se a Hamlet quando dizia que o homem parece ser nobre pela razão e infinito pelas faculdades.

Foi a compenetração cada vez mais arraigada desses pensamentos que influenciou a Academia de Brasília em determinado momento da sua trajetória a promover uma inflexão histórica. Fazia-se necessária a mudança dos critérios de admissão à Academia, escolhendo-se candidatos com um novo perfil, compatível com suas exigências históricas. Era preciso atuar dando ao acadêmico o acesso e a prática de conceitos milenares que refletissem uma dimensão cultural e filosófica, caminhando lado a lado com a tradição científica. Tornava-se, ainda, necessário, promover o estudo da História, inspirado nos conhecimentos do historiador Jacques Le Goff que a concebia como o interesse pelos objetos globalizantes. Outro historiador Marc Bloch atribuía, ainda, à História, a ciência dos homens, ou melhor, dos homens no tempo. É incontestável a certeza de que o acadêmico, possuído do talento histórico, social e intelectual, sabe se posicionar com experiência e conhecimento do passado na devida interpretação do presente.

A mitologia, baseada no destaque intelectual e moral dos acadêmicos, consagrou a eles o epíteto de imortais. A nosso ver, seria mais adequado considerá-los como eternos. Isso, se puderem deixar, pela significância que os homens venham a lhes atribuir, uma obra que tenha perenidade, que venha a ter vitalidade num tempo futuro. Como considerava o escritor argentino Júlio Cortázar, “os mortos falam mais, mas ao ouvido”. E o poeta Carlos Drummond de Andrade arremata, “mas as coisas findas, muito mais lindas, essas ficarão”.

No conhecimento dos valores consagrados na formação acadêmica, é na cultura que se apoiam as ações, o modo de agir, os costumes e as instruções. É através dela que se atinge a base indispensável para o comportamento social. É com o aprimoramento desses conhecimentos que o acadêmico entrega respostas aos problemas da sociedade. Pertencer a uma entidade nobre e tradicional como a Academia, promotora de conhecimentos e vocacionada ao pensamento crítico, nos enche de expectativas, porque o homem, isolando-se em seu próprio campo de estudos, nunca compreenderá nada senão parcialmente.

A sociedade pós-moderna, com o conhecimento adquirido em rede, não proporciona necessariamente a capacidade de ver, interpretar e compreender a realidade. A massificação da informação e do conhecimento acaba por induzir ao sentimento de achar-se natural tudo aquilo que se vê. O melhor posicionamento, no entanto, não é aquele lastreado em opiniões e informações, mas em fatos comprovados pela ciência. No contraponto, o acadêmico, na sua formação, desafia o tempo e a história, estando sempre presente, tornando-se imprescindível à sociedade como elemento disponível e atento às transformações.

Estamos vivendo no pós-modernismo, época mutante em que tudo está em movimento, onde a realidade é transitória e com um final não definido, onde as certezas das mais sólidas estruturas parecem ter desaparecido. A época é convidativa para saber, aprender e reaprender incessantemente, porque os paradigmas estão sempre se renovando. De repente, poderemos ser desafiados a nos posicionar frente ao desenvolvimento e a questionar os acontecimentos, de cujas consequências para a humanidade ainda não sabemos. Refiro-me à tentativa de chegar próximo ao fim do princípio, à síntese das moléculas funcionais da vida, com o seu desdobramento em integrá-las à vida.

Cogita-se a proximidade de se criar a vida em laboratório, no momento em que a ciência e a tecnologia ainda convivem com doenças negligenciadas, relacionadas à pobreza e à desigualdade, doenças crônicas, doenças evitáveis e ainda uma miríade de problemas que ameaçam a vida em sua essência.

A percepção dessas contradições e incertezas se avolumam quando verificamos que o conhecimento enfrenta um ciclo abismal da fragmentação da especialização desmedida. O panorama que se desenha ao homem, ao escolher a trajetória da especialização do conhecimento cada vez mais extensa e abrangente, é o esquecimento de suas dívidas intelectuais para com os antepassados. Somos entusiastas em priorizar a formação humanista e não queremos deixar de considerar que todos os projetos que envolvem o esforço humano deverão servir primordialmente a fins humanos.

Para o exercício da Medicina, os acadêmicos têm como prioridade o emprego de valores culturais, condição indispensável para influenciarem o seu meio. Observa-se no estudo do legado da Medicina o reflexo do aperfeiçoamento de técnicas médicas no seu desenvolvimento. Estamos convencidos de que a Medicina se constitui também no resultado de uma visão de mundo, configurando-se em um elemento da cultura de que faz parte. É notório constatar o papel da Medicina na atualidade, guardando uma estreita relação com o desenvolvimento científico e tecnológico, agregando valores que vão além da cura das doenças, da busca da saúde perfeita, do bem-estar físico constante e do aumento da expectativa de vida. Os médicos têm em si a clareza de que a cultura procura alcançar ou representar o saber experiente de uma comunidade, apreendido através da organização do seu espaço, na ocupação do seu tempo, na manutenção e na defesa das suas formas de relação humana. O homem é constantemente desafiado no

seu comportamento social, de trabalho, na relação interpessoal e política, em seus valores éticos e morais.

Ser acadêmico desafia o tempo e a História, porque, possuído dos valores e conceitos mencionados, ele será sempre atual, presente e útil à sociedade a qual pertence. Sendo um dos difusores da cultura e constatando a interligação dos diversos saberes modernos, o acadêmico abraça a existência de ideias definidoras de diferentes momentos civilizatórios.

A Medicina, como vemos, ao se estabelecer como prática científica, incorpora valores culturais, além de descobertas em outros campos científicos. Mas o médico formado em bases sólidas, por atender a métodos científicos, nem sempre vai encontrar respostas científicas aos problemas existenciais. Direcionando-se à filosofia encontrará o complemento da ciência, por ser esta o ancoradouro de respostas possíveis.

A grande revolução científica começou na esteira do nascimento de antigos modos de pensar. Questiona-se, afinal o que é o Ser? Quem é o Homem? Qual o sentido da vida? Habilitando-se a formular tais perguntas e na esteira do nascimento de antigos modos de pensar é que se iniciou a grande revolução científica. Embora a ciência seja portadora de respostas possíveis, é na filosofia que ela encontra a sua fonte permanente de inspiração. É fato que na sociedade, qualquer que seja, tudo se liga e se controla mutuamente; a estrutura política e social, a economia, as ciências, tanto as manifestações mais elementares, como as mais sutis da mentalidade.

A Filosofia ajudou a promover um debate sobre a ideia da razão em oposição à crença. Ajudou a entender alguns fenômenos da cultura. Abriu luzes para a Deontologia Médica e a investigação científica. O comportamento do médico, com a realização do justo e concreto e a sua concepção do mundo, definirá sua capacidade de decidir, somando-se à sua capacidade de trabalho, como forma de ser útil à sociedade. Nesse sincretismo da concepção médico-acadêmico é que se plasma a nossa visão do mundo. É da gênese do acadêmico buscar conhecimento para si próprio em contato com os outros, para ganhar conexão com o futuro e fazer pontes entre o presente e o porvir. Fomos nos compenetrando da importância de formar uma opinião sobre algo.

Esses postulados têm um contorno de eternidade, porque a ciência ética de Sócrates, a qual ocupa lugar central nos diálogos de Platão, também é o resultado de uma visão do mundo, e também é o fruto da cultura de que faz parte. De uma forma absoluta o homem sabe ser melhor, sabe contribuir para a construção de uma sociedade melhor, mas não age assim, preferindo reincidir no erro. A humanidade começa no outro; a humanidade envolve a partilha com o outro.

A consciência de sermos médicos, portanto, vai muito além da relação do desenvolvimento científico e tecnológico. A nossa destinação é cuidar do outro, sermos

solidários, estender a mão ao acolhimento, olhar o doente com compaixão e não só a doença. No emprego da tecnologia sabemos ser melhores, empregamos a Medicina de precisão, a Medicina baseada em evidências, a Medicina baseada em tecnologia, e até empregamos a telemedicina. Entretanto, é preocupante depararmos com a Medicina e o médico supervalorizando habilidades no manejo de algoritmos, encantados pelo aprendizado do uso da máquina, empregando suas energias nas consultas à big data. Nessa ênfase de ação, desvalorizamos o ser humano, interessado e ávido de encontrar alguém que o acolha, participe de suas angústias e entenda a sua depressão e inadaptação ao meio.

É imperioso aqui o médico buscar valorizar a ética e a bioética, apegando-se ao sentimento humano de perceber a vida, uma prática em que já ressaltamos, de buscar na interdisciplinaridade e na pluralidade a sua grande motivação profissional. As exigências de um mundo novo, altamente tecnológico e individualista, não podem prescindir de uma ética que contemple a solidariedade, a equidade entre gêneros e pessoas, a liberdade de expressão e o equilíbrio ambiental, como elementos da sociedade e que nela repercutem. Ao cultivar valores éticos e bioéticos visamos à dignidade humana e nos acercamos de valores que impactam positivamente no meio.

Não podemos deixar de enriquecer a cultura médica com outros saberes contidos na abrangência do conhecimento diversificado. Ambicionamos influenciar diretamente na cultura do ensino médico, resgatando um olhar mais humano da profissão, fazendo jus ao título de benemérito da humanidade, permitindo que a ciência exerça a sua função cotidianamente. Ainda há tempo para o emprego de concepções inerentes à nossa formação e para definir, com propriedade, qual o futuro nos interessa. Na nossa travessia, não devemos aceitar a previsibilidade dos homens.

A Academia de Brasília e os seus acadêmicos estão prontos, preparados e ávidos a exercerem os seus desígnios históricos na totalidade. Temos a consciência do papel que nos cabe na sociedade de Brasília. Sabemos que a permanência dos nossos atos significará que eles serão inscritos e serão avaliados no contexto da memória e da História. Vivemos uma etapa da vida em que várias ligações e relações são quebradas, vidas são desfeitas e a história fica longínqua. Nesse momento inspirador, cheio de alegria e elevados sentimentos, relembramos os que passaram, contentes com os que continuam nessa caminhada.

A Academia de Medicina de Brasília busca cumprir ao longo da sua trajetória todos os compromissos assumidos. Realiza mensalmente as suas reuniões científicas e culturais, trazendo ao debate importantes temas e assuntos do interesse médico. Procura atender a preocupação atual de acompanhar o desenvolvimento de importantes assuntos que desafiam o conhecimento. Busca interagir dignamente com entidades públicas da saúde e do ensino da medicina, aportando contribuições e cooperação. Incorporou e estimulou nos estudantes de medicina a presença em suas atividades científicas e culturais, dando-

lhes sustentação aos seus projetos e orientando nos seus desafios. Realizou importantíssimos encontros, reuniões e pesquisas que fazem parte da História da Medicina de Brasília, que teve a participação e enorme contribuição de figuras chave no planejamento e na execução do plano de atenção à saúde no DF. Premiou destacadas figuras da pesquisa e do ensino da Medicina em Brasília, outorgando-lhes medalha, diploma e mesmo remuneração. A Academia de Medicina de Brasília teve ainda destacada presença e participação no remodelamento institucional da Federação Brasileira das Academias, influenciando decididamente no rol de todas as suas competências. A nossa Academia chegou a ser tomada como modelo pelos métodos empregados na construção de um projeto acadêmico. No sentido de registro da sua história, a nossa Academia guarda no seu acervo a fidelidade desses eventos, publicando em seus Anais as contribuições dos diversos personagens que engrandecem a nossa Instituição.

No entanto, sentimos que, para sermos agentes de tão nobre caminhada, ainda nos falta um detalhe de enorme importância: ressentimo-nos de uma sede própria, com espaço suficiente para equipá-la com meios de informática, pessoal administrativo, área física para movimentar toda a nossa atividade cultural e científica. Estamos convictos de que em breve teremos esse espaço, porque a nobreza da nossa existência e ação está fazendo a sociedade e o Poder Público de Brasília solidarizar-se com os nossos propósitos.

Resta-nos seguir as ponderações de São João Batista: “agora que temos um novo caminho reconheço que ele se efetuará andando”. O sentido da vida é aquele que elegemos entre todos os sentidos possíveis e que elaboramos no curso do nosso próprio caminhar. Assumimos, com leveza, ser da nossa responsabilidade sermos homens e mulheres do nosso tempo, altamente comprometidos com as causas que se apresentam, com a prudência de que os males do momento não conspurquem a nossa capacidade de sentir, refletir e agir.

Associamo-nos, por fim, ao poeta Mário Quintana que, amenizando a realidade, conforta-nos assinalando:

*“Se as coisas são inatingíveis... ora!
Não é motivo para não querê-las...
Que tristes os caminhos, se não fora a presença distante das estrelas!”*

Muito obrigado!